

“Mattas soberbas”, “pastagens riquíssimas”: a paisagem do planalto catarinense através do olhar dos militares da Guerra do Contestado (1912-1916)

Marlon Brandt*

Resumo: As ações do Exército Brasileiro na Guerra do Contestado (1912-1916) ficaram registradas através de relatórios e diários pessoais de oficiais que atuaram no campo de batalha, sendo alguns deles publicadas para o público em geral nos anos posteriores ao conflito. Em suas narrativas os autores não se restringiram às descrições das operações militares e o cotidiano das tropas, mas também, ao procurar uma explicação para as origens do conflito, dedicaram-se a registrar e analisar os aspectos naturais e sociais da região do Contestado. São abordados o relevo, o clima, a vegetação e a população, composta por grandes fazendeiros pecuaristas, ervateiros, pequenos e médios sitiantes, na maioria posseira, que ocupavam as regiões de florestas. Desta maneira, a pesquisa tem como objetivo discutir a paisagem do planalto de Santa Catarina a partir dos textos produzidos pelos militares, analisando suas visões sobre as relações entre os homens e a natureza.

Palavras-chave: Guerra do Contestado, paisagem, história ambiental

Abstract: The actions of the Brazilian Army during the Contestado War (1912-1916) were kept through reports and personal diaries of officers that acted in the battlefield, some of which were published to the general audience in the years after the conflict. In their narratives, the authors were not restricted to describing the military actions and the troop's every day, but also, they tried to find origins for this conflict, trying to register and analyze the natural and social aspects of the Contestado region. The topics discussed are the weather, the landscape, the vegetation, and the population, which is composed of major animal husbandry farmers, native herbal trees (known as *erva-mate*) harvesters, small and medium dwellers, mostly squatters, that were settled in the forest areas. Therefore, the objective of this research is to discuss the landscape of the Santa Catarina Highlands, based on texts written by militaries, and analyze their views on the relationship between men and nature.

Keywords: Contestado war, landscape, environmental history

Tanto em debates acadêmicos quanto políticos, a Guerra do Contestado (1912-1916), continua sendo alvo de polêmica em relação as diferentes abordagens e interpretações a cada nova pesquisa e publicação sobre o tema. No entanto, grande parte desta discussão se detém nas visões, profecias e reelaborações místicas, na atuação militar, nas lideranças sertanejas, no messianismo e nas questões políticas, relegando a um segundo plano a população cabocla¹ e

* Doutorando em História – Universidade Federal de Santa Catarina/bolsista CNPQ.

¹ Consideramos nesse estudo o caboclo como sendo o habitante das áreas de campos e florestas do planalto Sul do Brasil cujas práticas sociais e espaciais são condizentes com o meio onde vivem. Assim é possível considerá-los como sendo uma “população tradicional”, no termo apresentado por Paul Little (2002:23). Segundo o autor, este conceito busca “oferecer um mecanismo analítico capaz de juntar fatores como a existência de regimes de propriedade comum, o sentimento de pertencimento a um lugar, a procura de autonomia cultural e práticas adaptativas sustentáveis”.

seus hábitos, costumes e a relação com a natureza, que foram fundamentais em diversas situações para a sobrevivência e o êxito nas investidas contra as tropas legais.

Em linhas gerais, o movimento do Contestado iniciou-se como um fenômeno religioso de exaltação mística com fortes características messiânicas, o que foi mantido, com maior ou menor intensidade, até os seus momentos finais. Os rebeldes formavam um grupo bastante heterogêneo, agregando diferentes elementos sociais, como posseiros expropriados, ervateiros, trabalhadores desempregados, pequenos e médios fazendeiros, antigas lideranças federalistas e opositores políticos dos coronéis da região. Para Paulo Pinheiro Machado (2004), o movimento identificou, desde o início, a marginalização da população local, ao passo que cresciam os estímulos para a europeização do planalto, demonstrando também o descontentamento político e social, em muitos casos, relacionados à posse da terra, tendo como seus principais alvos os políticos, coronéis, fazendeiros de terra, especuladores e o capital estrangeiro. Este último, representado pelo grupo norte-americano *Brazil Railway Company*, foi responsável pela construção da Estrada de Ferro São Paulo – Rio Grande, que cruzava o planalto catarinense acompanhando o traçado do rio do Peixe, e pelo início da colonização das terras às suas margens.

Veremos a seguir algumas impressões sobre essa região do planalto de Santa Catarina a partir dos textos produzidos pelos militares e suas visões sobre a paisagem da região, resultado da interação entre a natureza e a vida humana, integrando as características e os elementos tanto físicos quanto humanos (MARTINS, 2008:70), através das obras de três oficiais que aturam no conflito. São eles o Capitão Vieira da Rosa, que publicou uma série de artigos veiculados ao jornal “Terra Livre” de Florianópolis, intitulado “Reminiscências da Campanha do Contestado: subsídios para a História”, publicados em 1918, os dois volumes da obra “A Campanha do Contestado” do Primeiro Tenente Herculano Teixeira D’Assumpção, publicados no ano de 1917 e 1918, respectivamente e Demerval Peixoto, que publicou “A Campanha do Contestado” em 1920, sob o pseudônimo de Clivelaro Marcial². Esses militares, influenciados, de acordo com Janete Espig (2008:34), pela obra “Os Sertões”, de Euclides da Cunha, com sua reflexão sobre Canudos, buscavam, nas palavras de Rogério Rosa Rodrigues (2001:26-27)

imortalizar-se através de obras que relatassem o conflito, pois além dos jagunços, dos coronéis, dos soldados e dos aventureiros, de grande relevância foi o papel desempenhado pelos oficiais do exército, uma vez que foram responsáveis por imortalizar e sedimentar uma determinada imagem sobre o movimento do Contestado. Diferente dos soldados e praças, esses oficiais possuíam uma rígida

² Em 1995 foi publicada uma segunda edição, em três volumes, com a qual trabalharei neste artigo.

formação militar, constando, além do manejo de armas o domínio das letras e literaturas clássicas, conforme se observa nos seus relatos.

Para esses oficiais, como era comum no discurso da imprensa e de intelectuais da época, a origem que se sobressai para explicar a guerra era a barbárie, cujos males, a ignorância e o fanatismo, atingiam a população brasileira que habitavam os distantes sertões do país (LAZARIN, 2005:25). Faltava a essas regiões a presença de ações por parte do Estado, levando a “civilização” aos “sertões”, como expõe Herculano D’Assumpção (1918:447), em um trecho onde enfatiza que cabe ao governo “incentivar a instrução primaria naquelles sertões e estimular os seus habitantes aos trabalhos da lavoura e da industria pastoril. [...]. É necessário encaminhar para o bem os homens madraços que alli habitam e preparar, pela educação, as novas gerações sertaneja que ora surgem”. As críticas proferidas pelos oficiais, no entanto também se estendem aos líderes políticos locais e aos grandes fazendeiros, como aponta Demerval Peixoto (1995:18):

a região contestada esteve sempre e se eternizará entregue ao despotismo dos chefetes locais, ao desvario de uma sorte inumerável de crimes mal apurados e ao desmando de caudilhos temíveis, homiziados, fora da alçada da justiça das cidades; e tais têm sido os propulsores morais das causas que levaram à rebeldia, como recurso de defesa, os sertanejos ignorantes e espoliados pelos prepotentes.

Ao procurarem uma explicação sobre os motivos que levaram esses caboclos a “barbárie” e ao “fanatismo”, esses militares buscaram essa resposta também no ambiente da região onde se conflagrou o conflito. Nessas narrativas os autores abordam tanto elementos naturais, como o relevo, clima e vegetação, quanto os sociais, econômicos e culturais da população, composta por grandes fazendeiros pecuaristas que ocupavam as áreas de campos e ervateiros, pequenos e médios sitiantes, que ocupavam as regiões de florestas, na maioria sob o regime da posse.

Estas obras produzidas são documentos importantes, tanto pelo que informam e apresentam, quanto também pelo que omitem em seu olhar, descrevendo, classificando e nomeando o ambiente local, ou seja, atribuindo a este uma existência social (KLANOVICZ; NODARI, 2005:25), escolhendo os fragmentos da realidade que experimentam, transportando-os, de acordo com Marco Aurélio Pereira (2002:50)

para a narrativa, transformando seu significado, criando coerências, incoerências, similitudes e atitudes para as personagens e lugares que descreve e articulando sobre estas convergências e rupturas, próprias da intercontextualidade transcultural, um discurso ordenado e lógico de representação de lugares e pessoas, de cultura e sociedade.

Originalmente, a região onde se desenrolou o conflito do Contestado era dominada por vastas formações de floresta de araucárias e áreas de campos naturais, passando a ser ocupada por pequenos e médios sítiantes luso-brasileiros a partir da primeira metade do século XIX. Frente povoadora que irradiava das fazendas surgidas nos espaços de campos naturais a partir dos primeiros caminhos de tropas que varavam a região, ligando o Sul ao Sudeste no transporte do gado. Essas levadas passaram a se interiorizar nos espaços dominados pelas florestas de araucárias, entremeadas por pequenas manchas de campos, formando pequenas e médias posses de terra, em áreas que não despertavam, ao menos no início, o interesse dos grandes fazendeiros da região, cuja atenção estava mais voltada aos campos, destinados à pecuária. Como agentes dessa expansão rumo ao “sertão”, encontravam-se ex-escravos, negros libertos, foragidos da justiça, ex-agregados, peões e fazendeiros em buscas de novas terras, partindo dos campos de Lages, Curitiba e Campos Novos, enquanto do Paraná partiam dos Campos Gerais e dos campos de Guarapuava e Palmas (MACHADO, 2004:72-73).

Escolhida a terra, o novo morador, de acordo com Neusa Bloemer (2000:52-72), poderia “instalar-se nos sertões, vivendo da caça, da pesca e da agricultura de subsistência”, baseada na rotação de terras, e na criação de animais como bois, cavalos e porcos. Criação que ocorria à solta, com o espaço compartilhado em comum com animais de moradores vizinhos. Se a criação era solta, a roça, por outro lado, era cercada para evitar a invasão dos animais, pois ocupava menos espaço, uma vez que esta era destinada principalmente à subsistência. Por ser um espaço que apresentava vastas extensões de floresta e uma baixa ocupação demográfica, em algumas áreas a presença humana era identificada apenas pela existência de um estreito carreiro, sua casa e as áreas de roça e capoeira dispersas (BRANDT; CAMPOS, 2008).

Essa situação começou a se alterar, sobretudo a partir da Primeira República, quando as terras devolutas passam ao domínio dos Estados, assim como a estes passou a ser facultada a cobrança de impostos sobre propriedade, profissões e indústrias. Tem-se nesse contexto um acirramento das discussões dos Estados do Paraná e Santa Catarina sob a questão de limites, que se arrastava desde a criação do Paraná em 1853, de maneira concomitante ao processo cada vez maior de apropriação privada da terra por grandes fazendeiros, políticos, especuladores e grupos empresariais, interessados no aumento das propriedades e na exploração madeireira e/ou colonização (SERPA, 1999:12). Esse processo assinala a intensificação de diversas transformações sócio-espaciais na região do planalto de Santa Catarina, relacionadas principalmente a questão da terra, dando origem a diversas situações de

disputa pela sua posse, sendo um dos vários motivos que levou a deflagração da Guerra do Contestado.

É dentro de uma declarada imparcialidade e da verdade, sob influência do positivismo, que os três oficiais buscaram produzir suas narrativas sob o conflito, como fica claro na seguinte passagem proferida por Vieira da Rosa (1918b:01) “porque, o que nella estiver consignado, será a verdade pura, em grande parte por nós mesmos observada”. Obras que seguem um discurso fortemente marcado por oposições campo/cidade, natureza/civilização, proporcionando nestas, de acordo com Katiúscia Lazarin (2004:155), “uma imagem de cores fortes como que para calar na mente dos leitores, não deixando imaginar nada menos que bandos de semi-bárbaros em choupanas imundas que parecem maus *furjas para feras* do que habitações para seres humanos”.

O isolamento desses habitantes, distantes dos ditos centros “civilizados”, muito embora diversos moradores possuíssem uma ampla rede de parentesco e constantemente viajassem comercializando animais em tropas, eram, ao ver desses militares, um dos principais motivos que serviam como justificativa para a indolência, a rudeza e a facilidade com que os caboclos aderiram ao fanatismo. Para Herculano d’Assumpção (1917, p. 196):

A indolencia é o peor defeito de grande parte daquella gente: dessa morbida predisposição nascem outros que tanto deprimem o seu caracter. Os sertanejos que vivem mais afastados dos centros populosos, sem disporem de criação ou de tropa, são, em geral, inscientes, desconfiados e solertes. Esses homens tão rústicos de tudo se descuidam, do seu relativo conforto e do da família. É a vida do selvagem. E, assim, vão elles ficando cada vez mais embrutecidos pelo ócio que, paulatinamente, os prepara para o crime.

O olhar etnocêntrico dessas obras, que buscava desqualificar os ritmos, hábitos e costumes da população cabocla, pode ser percebido na comparação realizada por Herculano D’Assumpção (1917:198) dos colonos alemães do Vale do Itajaí com os caboclos do planalto:

[...] em marcha para Curitybanos, sahimos da região colonial, na qual nos habituamos a lidar com o colono allemão e seus descendentes, população ordeira, disciplinada, intelligente e summamente prestativa, entrâmos na zona serrana, onde, então só reinava a anarchia, a miseria, a completa desorganização na vida privada e publica de seus habitantes. E sentimos profunda dôr moral em constatar o atrazo dos seus sertões.

Essas características negativas dadas ao caboclo pelo fato deste ser fruto da miscigenação entre brancos, africanos e indígenas, se comparado aos alemães “disciplinados” e “inteligentes”, condiziam com as teorias raciais da época, para a qual a mestiçagem acentuava os aspectos negativos de cada raça, dentro da “idéia de que as faculdades civilizatórias mais elevadas estariam vinculadas à raça branca” (ZILLY, 2009). Problema que

permanecia, para Vieira da Rosa (1918c:01), mesmo após a construção da Estrada de Ferro São Paulo – Rio Grande

[...] o caboclo sertanejo de Curitiba é forte, sadio, sombrio, corajoso, delicado no trato, mas como todas as raças mescladas, vingativo até o exagero.

Morador de um sertão medonho, onde a civilização só começou a penetrar depois da construção da estrada de ferro, o caboclo foi recebendo dessa civilização somente aquilo que os repudiados por Ella podiam oferecer: vícios e crimes.

A natureza, por sua vez, é enfatizada como riquíssima, exuberante, faltando apenas o trabalho do homem. Para Demerval Peixoto (1995:33), as “intermináveis florestas espessas de pinheirais cujas copas, erguidas à mesma altura, vistas de longe, parecem verdes campos extensos; rarefazem-se os matos, às vezes, para surgirem as clareiras, pequenos escampados cobertos pela vegetação rasteira ou pelos vassourais”. A região do planalto possuía uma riqueza em potencial, onde poderia ser possível o cultivo de espécies frutíferas como a uva, o pêssego e a maçã, que nessa “terra magnífica não diferenciarão das importadas do estrangeiro”.

Em geral, o que se percebe a partir da leitura desses textos, é que o futuro da região dependia da transformação das “intermináveis florestas” e campos em territórios “civilizados”, onde “o caos da floresta sucumbisse à ordem, à racionalidade, à agricultura, considerada um símbolo da presença e engenhosidade do homem civilizado. A natureza deveria ser subserviente ao homem” (CORREA, BUBLITZ, 2006:124).

O Capitão Vieira da Rosa (1918a:1), que atuou na região de Curitiba, buscou estudar “ligeiramente as suas múltiplas riquezas,” descreve da seguinte maneira a paisagem e a relação da população cabocla com o ambiente da região:

Município serrano, Curitiba é, apesar disso, mais nemorensis do que campesino, porem, mesmo nessas mattas, que nenhum ponto de contacto têm com as florestas virgens do littoral, que tem um caracter subtropical, pascem os gados bovino e cavallar, criam-se manadas abundantes de porcos.

É que essas mattas, limpas de cipós, gramadas, permitindo passear por ellas a Cavallo, como nalgum parque europeu, os fructos nutritivos são abundantes, entre os quaes os guamirins, o vacul, as goiabas serrana, os araçãs a imbuia, o pinhão, as amoras e o butiá, constituem o alimento principal para a engorda dos de suinos

O butiá vegeta expontaneamente numa área não muita dilatada: começando apparecer junto à Villa, nos campos de Antonio Sampaio, prolonga-se pelo Guarda-mór atravessa o Correntes, acompanha o Butiásinho e parte do Espinilho, volta pela Liberata, Butiá Verde, Bahia, Taboão, Perdizinhas Trombudo e Fachinal das Águas, onde se aproxima de novo do Guarda-mór tendo descripto um circulo de 20 leguas mais ou menos.

A descripção que fizemos dos terrenos curitibanenses explica: primeiro o modo de vida do caboclo que, tendo a criação de porcos como sua principal e unica industria era obrigado a viver pelos ermos, no meio das mattas; segundo, a

difficuldade que as forças do governo encontraram nas marchas e no serviço de intendência.

Vimos acima que os terrenos compreendidos entre o Marombas e o Correntes, formam uma bella região campesina bordada de capões. Estende-se desde a barra do Timbó, Corrente ao Jusante, até à confluência do Marombas com o Grande e magestoso Canoas. No ponto de bifurcação, porem, e isso numa extensão de meia légua, os campos desaparecem para dar lugar a uma frondosa matta de pinhaes e palmeiras.

Entre o Correntes e o Rio do Peixe, toda essa grande extensão curitibanense, com excepção dos Campos de Butiá Verde, os das Perdizinhas e Perdizes, gramados e um ou outro campestre, como o da Liberata e do Serro de Pedra, do Cahapiá, etc, é coberta de matto. O caracter da vegetação altera-se cada vês ao aproximar-se do Rio do Peixe onde apesar da existência dos pinheiros e imbuías, já apparecem especies que habitam a região littoral, de caracter subtropical; e o que acontece com os vegetaes tambem succede aos animaes, encontrando-se ali especies que só encontramos nas mattas da costa.

Os terrenos limpos, de campos, são todos propriedades de ricos fazendeiros que, cuidando tambem da lavoura, possuem outras terras no que chamam serras, terras de matto. Para os de Guarda Mor e para todos os que ficam situados ao sudoeste da Villa, essas terras de planta estão nas mattas da margem direita do Correntes, excelentes para todos os cultivos, sem excepção (VIEIRA DA ROSA, 1918b:01).

O Capitão Vieira da Rosa, diferente dos outros dois militares, era, à época do conflito, um profundo conhecedor da região. Foi o autor da “Chorographia de Santa Catharina”, publicada em 1905, que enfocava a geografia e a geologia do Estado, fornecendo informações variadas sobre os municípios e suas regiões. Curitibanos, o epicentro do movimento, era visto pelo autor como uma das regiões mais pobres e esquecidas de Santa Catarina, pela ausência de estradas e de grandes rios que dificultavam a comunicação (VIEIRA DA ROSA, 1905:264-265).

A existência de uma natureza exuberante, com “mattas soberbas” e “pastagens riquíssimas”, onde “com um pouco de boa vontade dos dirigentes aquellas terras que quasi todas são ainda posses apenas, poderiam tornar-se de uma productividade espantosa”, (VIEIRA DA ROSA, 1918a,b:1), contrastando com a pobreza da população local, ajudaram a propagar a indolência e a preguiça de seus habitantes. Nem mesmo grandes fazendeiros são poupados desse discurso de indolência e preguiça dos habitantes. A pecuária, até então a principal fonte de renda da região é criticada por Herculano D’Assumpção (1917:206-207) também pelos seus hábitos:

A industria pastoril é a riqueza do sertão contestado.

O seu desenvolvimento é de tal ordem que, em geral, os sertanejos, tirando o serviço de rebanho de gado, não conhecem outra profissão. Mas os fazendeiros, na maioria, pouco cuidado têm com a criação. Os pastos nem sempre são fartos de forragens silvestres e estas nem sempre primam pela qualidade. Pequenas aguadas, campos de fachinaes, com espaços tomados de capim, são os pastos mais communs.

O gado é solto em taes terrenos, no meio dos quaes está a pequena casa de madeira, residencia do fazendeiro. Durante o inverno, aquelle se abriga nas mattas, onde encontra algum capim fresco e hervas próprias á sua alimentação.

Em geral, o fazendeiro, em *dolce farniente*, fica em casa e deixa o gado entregue á natureza. Somente uma ou duas vezes no anno é elle recolhido ás mangueiras para a salgagem, occasião em que é feita a marcação. Esta é constiuída de arabescos ou de iniciais dos fazendeiros.

O que é comum a esses discursos é o mal aproveitamento da riqueza oferecida pela natureza pela população local que, segundo Herculano D’Assumpção (1917:209), “pouca importância liga ao amanho das terras”. A seu ver, deveria ocorrer na região “uma propaganda porfiada, tenaz, sem tréguas, em prol da lavoura, entre os homens que vivem em logares afastados dos centros da civilização e que, criminosamente, não a praticam – tendo á sua disposição um solo de invejavel feracidade”.

O conhecimento que a população possuía do meio natural, também é tratado pelos militares. O conhecimento da “botica da natureza” (HOLLANDA, 2008:74), herança tanto da população indígena quanto da distância dos locais possíveis de tratamento, fazia com que os moradores recorressem “aos inexauríveis recursos da nossa privilegiada flora” (D’ASSUMPCÃO, 1917:203). O constante peregrinar, percorrer e conhecer o lugar, transformava a natureza em um poderoso aliado do caboclo, colocando em desvantagem o exército, que frequentemente era vítima de emboscadas. Euclides Felipe (1995:155), ao registrar a memória da população da região sobre o Contestado, destaca as estratégias utilizadas pelos caboclos para emboscarem os soldados, valendo-se para isso do conhecimento do lugar, fato salientado por Vieira da Rosa (1918d:01), para quem “a facilidade que encontra no seio da matta, onde se dissimula facilmente, [...] lhe dá grande vantagem”.

Observamos que, embora a população sertaneja tenha sido vista de uma forma bastante negativa, ainda mais se comparados aos colonos de origem alemã e italiana, que mais tarde também aportariam na região; a natureza é destacada pelos autores por seus aspectos positivos, sobretudo no que diz respeito à riqueza natural, com suas terras férteis e vastas florestas, fundamentais para o almejado progresso da região, que constituía, para Demerval Peixoto (1995:32) “uma das mais opulentas terras do Brasil”. O pensamento desses oficiais estava em sintonia com o ideário da época, onde poucos eram os que se opunham, seja no campo político, artístico, ou científico, à colonização européia, acreditando que essa seria a responsável, junto com a maior atuação do Estado, por levar a civilização à região. A resistência da população cabocla que esses militares encontraram, foi tida à época como um conjunto de manifestações bárbaras, ao avanço inexorável da civilização e não uma defesa contra o avanço de novas relações sócio-espaciais. Essas relações, paulatinamente iam alijando essa população – e aqui também é possível estender o comentário aos indígenas –

“dos recursos naturais indispensáveis à sua sobrevivência e que se escasseavam com os golpes de machado e com as queimadas” que se intensificavam na região à medida que avançava a colonização (CORREA, BUBLITZ, 2006:36).

Referências

BLOEMER, N. M. S. **Brava gente brasileira**: migrantes italianos e caboclos nos campos de Lages. Florianópolis: Cidade Futura, 2000.

BRANDT, M.; CAMPOS, N. J. de. Uso comum e práticas associativistas da população cabocla do planalto catarinense. **Geosul**. Florianópolis, v. 23, n. 45, p. 45-64, 2008.

CORREA, S. M. de S.; BUBLITZ, J. **Terra de promessa**: uma introdução à eco-história da colonização do Rio Grande do Sul. Passo Fundo: Ed. da UPF; Santa Cruz do Sul: EdUnisc, 2006.

D'ASSUMPCÃO, H. T. **A Campanha do Contestado**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1917, v. 1.

_____. **A Campanha do Contestado**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1918, v. 2.

ESPIG, M. J. **Personagens do Contestado**: os turmeiros da Estrada de Ferro São Paulo – Rio Grande (1908-1915). 2008. 434 fl. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

FELIPPE, E. **O último jagunço**: folclore na história da Guerra do Contestado. Curitiba: Unc, 1995.

HOLLANDA, S. B. de. **Caminhos e fronteiras**. 3. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

KLANOVICZ, J.; NODARI, E. S. **Das araucárias às macieiras**: transformações da paisagem em Fraiburgo – Santa Catarina. Florianópolis: Insular, 2005.

LAZARIN, K. M. Lendo o Contestado: discursos e construção de sujeitos na bibliografia sobre a Guerra do Contestado – 1915 a 1960. **Esboços**: revista do programa de pós-graduação em história da Ufsc, Florianópolis, v. 12, p.151-164, 2004.

_____. **Fanáticos, rebeldes e caboclos**: discursos e invenções sobre diferentes sujeitos na historiografia do Contestado (1916-2003). 2005. 146 fl. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

LITTLE, P. E. **Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil**: por uma nova antropologia da territorialidade. Brasília: Unb, 2002. Série Antropologia, n. 322.

MACHADO, P. P. **Lideranças do Contestado**: a formação e a atuação das chefias caboclas (1912-1916). Campinas: Unicamp, 2004.

MARTINS, M. L. História e meio ambiente. In: HISSA, C. E. V. (org.) **Saberes ambientais: desafios para o conhecimento disciplinar**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2008.

PEIXOTO, D. **Campanha do Contestado**: as raízes da rebeldia. Curitiba: Farol do Saber, 1995.

PEREIRA, M. A.; IEGELSKI, F. O paraíso terrestre no Brasil: Os Campos Gerais do Paraná no relato de Auguste de Saint-Hilaire. **Revista de História Regional**. Ponta Grossa, n. 7, p. 47-72, 2002.

RODRIGUES, R. R. **Os sertões catarinenses**: embates e conflitos envolvendo a atuação militar na Guerra do Contestado. 2001. 115 fl. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

SERPA, E. **A Guerra do Contestado (1912-1916)**. Florianópolis: UFSC, 1999.

VIEIRA DA ROSA, J. **Chorographia de Santa Catarina**. Florianópolis: Typographia da Livraria Moderna, 1905.

_____. Reminiscências da Campanha do Contestado – subsídios para a História. In: **Jornal Terra Livre**, Florianópolis, n. 2, 2 de agosto de 1918; n. 8, 9 de agosto de 1918, n. 9, 10 de agosto de 1918 e n. 27, 31 de agosto de 1918.

ZILLY, B. **Sertão e nacionalidade**: formação étnica e civilizatória do Brasil segundo Euclides da Cunha. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar>>. Acesso em 20 de abril de 2009.